

### Roteiro de estudos

#### Interpretação de texto (volume 1)

##### Capítulo 1

#### Aprofundamento teórico (leitura recomendada)

Pg. 1 (linguagens figurada e literal)

Pg. 6 (classificação das figuras de linguagem)

Pg. 7 e 8 (figuras semânticas, metáfora e metonímia)

#### Aprofundamento prático (exercícios recomendados)

Revisando (pg. 22): 1 e 2

Propostos (pg. 26): 2!, 3, 7!, 8 e 9

Complementares (pg. 51): 1, 2, 4, 6, 15! e 17!

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### Figuras de linguagem

Def.: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

#### Exemplo:

a) \_\_\_\_\_

Efeito de sentido: \_\_\_\_\_

#### Exemplo complementar

Desde o início dos tempos, **eu vejo**<sup>1</sup> o quanto vocês têm medo do futuro. O futuro é incerto. Assusta. Eu nunca falei nada, mas agora eu vim pessoalmente contar a verdade: eu deveria ter mais medo de vocês do que vocês de mim. Porque eu não posso escolher **nada**, criar **nada**... Viver **nada**<sup>2</sup>. Eu só posso olhar o que vocês fazem aí no presente e torcer para que vocês façam as escolhas certas. (...) Respeitem quem é diferente de vocês **agora**, porque só assim a paz pode existir no **futuro**<sup>3</sup>. Lutem para ser mais felizes agora, porque só assim a felicidade vai existir no futuro.

**Vocês** não estão nas minhas **mãos**. Sou eu que estou na **mão** de **vocês**<sup>4</sup>.

#### Legenda:

1. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

#### Continuação

2. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

3. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Exercício exemplo: \_\_\_\_\_

#### Figuras semânticas

##### Relações comparativas

Metáfora: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

##### Exemplos:

a) \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_

Atenção: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Exemplo: \_\_\_\_\_

Exercício exemplo: \_\_\_\_\_

Metonímia: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Exemplos:

a) \_\_\_\_\_

Continuação
b)
<b>Exercício exemplo:</b> _____
<b>Exercício desafio:</b> _____

### Exercícios de fixação

(Unicamp 2024 - adaptada)

Você já imaginou uma Bancada do Cocar? Como seria o Brasil depois dela?

Desde o século XVI, os povos indígenas vêm sendo aldeados pela política. Acreditamos que a política com mais representatividade e diversidade indígena é fundamental para criarmos uma sociedade mais coletiva, confiante, justa e resiliente às mudanças climáticas. Vamos aldear a política!

Aldear a política significa eleger representantes dos povos indígenas em todos os estados, em defesa da forma de viver e da natureza em que habitamos.

(Adaptado de Mídia Guarani Mbya)

1. No texto, a expressão “aldear a política” é referida por meio de uma

- comparação.
- antítese.
- metáfora.
- ironia.

(Fuvest 2024)

**1492, 1792, 1822, 1922.**

**Datas. Mas o que são datas?**

**Datas são pontas de icebergs.**

O marinheiro que singra a imensidão do mar bendiz a presença dessas pontas emersas, sólidos geométricos, cubos e cilindros de gelo visíveis a olho nu e a grandes distâncias. Sem essas balizas naturais que cintilam até sob a luz noturna das estrelas, como evitar que a nau se espedace de encontro às massas submersas que não se vêem?

A memória das sociedades, que a velha e hoje moça história das mentalidades reconquista com zelo e paixão; a memória das sociedades, que deve ter no historiador o seu ouvinte mais atento; a memória das sociedades que precisa repousar em sinais Inequívocos, sempre iguais a si mesmos; e o que há de mais inequívoco e sempre igual a si mesmo do que o número? Datas não números.

Datas são pontos de luz sem os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria uma tal obscuridade que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos os vultos das personagens e as órbitas desenhadas pelas suas ações. A memória carece de nomes e de números. A memória carece de nomes. Mas de onde vem a torça e a resistência dessas combinações de algarismos? 1492, 1792, 1822, 1922... Vêm daquelas massas ocultas de que as datas são índices. Vêm da relação inextricável entre o acontecimento, que elas fixam com a sua simplicidade aritmética, e a polifonia do tempo social, do tempo cultural, do tempo corporal, que pulsa sob a linha de superfície dos eventos.

Alfredo Bosi. *Datas*. 1992. Adaptado.

2. Em “Datas são pontos de icebergs” e “Datas são pontos de luz”, há o emprego do recurso linguístico

- metonímia.
- hipérbole.
- comparação.
- metáfora.
- eufemismo.

(Unicamp 2023 – adaptada)

Texto não reproduzido na folha.

3. Assinale a alternativa na qual o autor faz uso de uma antítese.

- “Coleciono rostos, paisagens, movimentos, brilhos...”
- “Cada imagem que capturo conduz à fé...”
- “Meu trabalho é a crônica da beleza e do extermínio.”
- “Meu canto é cumplicidade e reverência.”

(Santa Casa 2022)

Leia o artigo intitulado “Tempus fugit”, de Hélio Schwartzman.

Depois de nos privar de Plutão, que teve sua planetariedade cassada em 2006, cientistas agora ameaçam bagunçar o tempo.

Pretendem eliminar os segundos bissextos ocasionalmente introduzidos no calendário para fazer com que o tempo dos relógios atômicos (oficialmente, 1 segundo equivale a 9.192.631.770 ciclos de radiação emitidos pelo cézio-133) não se divorcie de vez do tempo astronômico, em que o segundo vale 1/86.400 do dia.

Até os anos 60, a astronomia era a guardiã absoluta do tempo, mas aí descobrimos que o planeta é pouco pontual: a velocidade da rotação terrestre atrasa um número variável de milissegundos a cada ano.

Se os segundos corretivos forem de fato eliminados [...], o tempo se tornará mais abstrato. Não dirá mais respeito à noite, ao dia, às estações e aos anos.

Os cientistas, é claro, têm suas razões. O problema é que nossos corações são insensíveis a elas. O tempo encerra uma dimensão psicológica à qual não podemos escapar.

Nas “Confissões”, santo Agostinho vislumbrou o tamanho da encresca: “Se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente. De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro –, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade.”

Não é por acaso que, além de Agostinho, vários filósofos se apresaram a concluir que o tempo não passa de uma ilusão. Mesmo que ele seja uma realidade ontológica, como querem os físicos, continua despertando perplexidades e até paixões.

Nem toda ciência, filosofia e poesia do mundo nos fazem deixar de lamentar o passado e temer o futuro. Quem traduziu bem esse sentimento foi Virgílio: “Sed fugit interea, fugit irreparabile tempus” (mas ele foge: foge irreparavelmente o tempo).

4. No texto, está empregado em sentido figurado o seguinte termo:

- “descobrimos” (3º parágrafo)
- “divorcie” (2º parágrafo)
- “eliminar” (2º parágrafo)
- “atrasa” (3º parágrafo)
- “encerra” (5º parágrafo)

5. De acordo com o texto,

- para santo Agostinho, apenas o tempo presente não pode ser questionado.
- para os físicos, o tempo não seria mais do que uma ilusão.

- c) para santo Agostinho, a eternidade seria uma espécie de negação do tempo.
- d) para Virgílio, refletir sobre a passagem implacável do tempo seria uma inutilidade.
- e) para Virgílio, lamentar a passagem do tempo seria uma espécie de negação da vida.

(Unicamp 2022 - adaptada)

Para que as memórias e tradições permaneçam vivas, o Museu da Pessoa, a Rádio Yandê e Ailton Krenak vão realizar uma formação virtual em memória e mídias para que jovens das comunidades originárias registrem as histórias de vida de seus anciãos e anciãs. O ditado “Cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” é válido para os povos indígenas, portanto nosso lema é “Cada ancião que se preserva é uma biblioteca que se salva”. Na tradição dos povos indígenas, todo conhecimento de plantas, de cura, de mitos e narrativas é produzido de maneira oral. “A gente não sabe até quando que vão ter esse conhecimento completo. A gente vai morrendo e vai se apagando tudo. A gente não é igual vocês, que fica tudo guardado em algum lugar (...)”

(Awapataku Waura, ancião e pajé do povo Waura).

6. No texto, é utilizada uma metáfora que relaciona “ancião” e “biblioteca”. As citações a seguir tratam da importância de anciãos e anciãs indígenas para a transmissão do conhecimento. Assinale aquela que também faz uso de uma metáfora.

- a) “Perder um ancião é o mesmo que fechar um livro. Ou mesmo queimar um livro” (Comissão Pró-Índio, *Twitter*, via @g1).
- b) “Morte de anciãos indígenas na pandemia pode fazer línguas inteiras desaparecerem” (manchete da BBC Brasil News).
- c) “A morte de uma anciã ou um ancião é tratada como se uma biblioteca fosse perdida” (site “Racismo Ambiental”).
- d) “Nikaiti Mekranotire é mais uma vítima do covid-19. Perdemos uma enciclopédia” (Mayalú Txucarramãe, *Twitter*).

(Fuvest 2020)

O vídeo “Por que mentiras óbvias geram ótima propaganda” destaca quatro aspectos principais da propaganda russa: 1) alto volume de conteúdo; 2) produção rápida, contínua e repetitiva; 3) sem comprometimento com a realidade; e 4) sem consistência entre o que se diz entre um discurso e outro. Essencialmente, isso é o *firehosing* (fluxo de uma mangueira de incêndio). O conceito foi concebido após cerca de seis anos de observação do governo de Vladimir Putin. No entanto, é impossível não notar as semelhanças com as táticas discursivas de políticos ocidentais.

Para tentar inibir efeitos da tática, apenas rebater as mentiras disseminadas não é uma ação eficaz. Já mostrar outra narrativa, tal como contar como funciona a criação de mentiras dos propagandistas, sim, seria um método mais efetivo. De maneira simplificada, é o que o linguista norte-americano George Lakoff chama de verdade-sanduíche: primeiro exponha o que é verdade; depois aponte qual é a mentira e diga como ela é diferente do fato verdadeiro; depois repita a verdade e conte quais são as consequências dessa contradição. A ideia é tentar desmentir discursos falsos sem repeti-los.

Le Monde Diplomatique Brasil

7. Explique com suas palavras a metáfora “verdade-sanduíche” usada pelo linguista George Lakoff.

**Resolução:** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

(Unicamp 2017)

Em depoimento, Paulo Freire fala da necessidade de uma tarefa educativa: “trabalhar no sentido de ajudar os homens e as mulheres brasileiras a exercer o direito de poder estar de pé no chão, cavando o chão, fazendo com que o chão produza melhor é um direito e um dever nosso. A educação é uma das chaves para abrir essas portas. Eu nunca me esqueço de uma frase linda que eu ouvi de um educador, camponês de um grupo de Sem Terra: *pela força do nosso trabalho, pela nossa luta, cortamos o arame farpado do latifúndio e entramos nele, mas quando nele chegamos, vimos que havia outros arames farpados, como o arame da nossa ignorância. Então eu percebi que quanto mais inocentes, tanto melhor somos para os donos do mundo.* (...) Eu acho que essa é uma tarefa que não é só política, mas também pedagógica. Não há Reforma Agrária sem isso.”

(Roseli Salete Galdart, *Pedagogia do Movimento Sem Terra*)

8. No excerto adaptado que você leu, há menção a outros arames farpados, como “o arame da nossa ignorância”. Trata-se de uma figura de linguagem para

- a) a conquista do direito às terras e à educação que são negadas a todos os trabalhadores.
- b) a obtenção da chave que abre as portas da educação a todos os brasileiros que não têm terras.
- c) promoção de uma conquista da educação que tenha como base a propriedade fundiária.
- d) a descoberta de que a luta pela posse da terra pressupõe também a conquista da educação.

(Unifesp 2018)

Leia a crônica “Premonitório”, de Drummond (1902-1987).

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: “Não saia casa 3 outubro abraços”.

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o “pois não” melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: “como é?”, e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de *arma virumque cano*<sup>1</sup>, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: “Dia 4 nós conversamos.” Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bebe, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba

larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola.

Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: "Passe de largo"; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: "Desculpe, é engano", ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. "Deve ser engano." "Não é não, o chefe está à espera." "Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou." "É hoje e é já." "Impossível." Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. "O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo" – disse-lhe o chefe. – "Que sabe a respeito do troço?" "Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje." "Vai estourar?" "Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?" "Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro." "Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?" "Sou professor de latim, e corrigi a epígrafe de um trabalho." "Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?" "São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido." "E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?" Emudeceu. "Diga, vamos!" "Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso." "O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?" "Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?" "Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa." "Mas, doutor..." Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: "O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!"

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

<sup>1</sup> *arma virumque cano*: "canto as armas e o varão" (palavras iniciais da epopeia *Eneida*, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

9. Estão empregados em sentido figurado os termos destacados nos trechos:

a) "As manchetes dos jornais eram **sombrias**; pouca gente na rua." (3º parágrafo) e "E aquela ponte que o senhor ia **dinamitar** mas era difícil?" (5º parágrafo).

b) "As manchetes dos jornais eram **sombrias**; pouca gente na rua." (3º parágrafo) e "Não se faça de bobo, o troço que vai **estourar** hoje." (5º parágrafo).

c) "Não se faça de bobo, o troço que vai **estourar** hoje." (5º parágrafo) e "Acordou assustado, com **golpes** na porta." (5º parágrafo).

d) "E aquela ponte que o senhor ia **dinamitar** mas era difícil?" (5º parágrafo) e "Não se faça de bobo, o troço que vai **estourar** hoje." (5º parágrafo).

e) "[...] a ligação foi dificultosa, havia **besouros** na linha." (3º parágrafo) e "E aquela ponte que o senhor ia **dinamitar** mas era difícil?" (5º parágrafo).

10. Verifica-se a ocorrência de metonímia no trecho:

a) "São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido." (5º parágrafo)

b) "Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: 'Passe de largo';" (3º parágrafo)

c) "Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa." (3º parágrafo)

d) "Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte!" (2º parágrafo)

e) "Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos." (4º parágrafo)

(Unesp 2016)

### A invasão

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibernética, do virtual e do instantâneo acrescenta-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevivência à decoração de interiores.

(Veríssimo, Luís Fernando. *O Estado de S. Paulo*, 31.05.2015.)

11. Em "falta lombada" (2º parágrafo), o cronista se utiliza, estilisticamente, de uma figura de linguagem que

a) representa uma imagem exagerada do que se quer exprimir.

b) se baseia numa analogia ou semelhança.

c) emprega a palavra que indica a parte pelo todo.

d) emprega a palavra que indica o todo pela parte.

e) se baseia na simultaneidade de impressões sensoriais.

12. De acordo com o cronista, a ideia que se tinha há alguns anos, de redução de consumo de papel em razão do emprego generalizado de computadores, revelou-se

a) plausível.

b) impropriedade.

c) comprovável.

d) imponderável.

e) procedente.

(Unifesp 2019)

Leia o trecho inicial do conto “A doida”, de Carlos Drummond de Andrade.

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horrível, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os seus, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a <sup>1</sup>lapidar a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrelhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebatando-se. Os dois nunca mais se veriam. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos <sup>2</sup>racontos antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativoiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passaram a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de <sup>3</sup>irrisão.

Vinte anos de uma tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito.

Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

(Contos de aprendiz, 2012.)

<sup>1</sup>lapidar: apedrejar.

<sup>2</sup>raconto: relato, narrativa.

<sup>3</sup>irrisão: zombaria.

13.

- “loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo” (4º parágrafo)

- “Ninguém tinha ânimo de visitá-la” (4º parágrafo)

- “a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso” (5º parágrafo)

Os termos sublinhados foram empregados, respectivamente, em sentido

a) literal, literal e literal.

b) figurado, literal e figurado.

c) literal, literal e figurado.

d) figurado, figurado e literal.

e) figurado, figurado e figurado.

14. “Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão.” (4º parágrafo)

Ao empregar a expressão “Deus sabe por que razão”, o narrador reforça, em relação à história divulgada, o seu caráter

a) fantasioso.

b) dramático.

c) religioso.

d) incerto.

e) popular.

(Unifesp 2016)

Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697).

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra.

Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito

maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comerem, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

15. Em “Cuidais que só os tapuias se **comem** uns aos outros, muito maior **açougue** é o de cá, muito mais se **comem** os brancos.” (1º parágrafo), os termos em destaque foram empregados, respectivamente, em sentido

- literal, figurado e figurado.
- figurado, figurado e literal.
- literal, literal e figurado.
- figurado, literal e figurado.
- literal, figurado e literal.

16. No sermão, Vieira critica

- a preguiça desmesurada dos miseráveis.
- a falta de ambição dos miseráveis.
- a ganância excessiva dos poderosos.
- o excesso de humildade dos miseráveis.
- o excesso de vaidade dos poderosos.

(Unesp 2016)

Em pouco, o jardim vestiu o cetim das folhas novas. Em cada tronco, em cada haste, em cada pedúnculo, a seiva empurrou para fora pétalas e pistilos. E mesmo no escuro da terra os bulbos acordaram, espreguiçando-se em pequenas pontas verdes.

Mas enquanto todos os arbustos se enfeitavam de flores, nem uma só gota de vermelho brilhava no corpo da roseira. Nua, obedecia ao esforço do seu jardineiro que, temendo viesse a floração romper tanta beleza, cortava rente todos os botões.

De tanto contrariar a primavera, adoeceu porém o jardineiro. E ardoendo de amor e febre na cama, inutilmente chamou por sua amada. Muitos dias se passaram antes que pudesse voltar ao jardim. Quando afinal conseguiu se levantar para procurá-la, percebeu de longe a marca da sua ausência. Embaralhando-se aos cabelos, desfazendo a curva da testa, uma rosa embabada suas pétalas entre os olhos da mulher. E já outra no seio despontava. Parado diante

dela, ele olhava e olhava. Perdida estava a perfeição do rosto, perdida a expressão do olhar. Mas do seu amor nada se perdia. Florida, pareceu-lhe ainda mais linda. Nunca Rosamulher fora tão rosa. E seu coração de jardineiro soube que nunca mais teria coragem de podá-la. Nem mesmo para mantê-la presa em seu desenho.

(COLASANTI, M. *Doze reis e a moça no labirinto do vento*)

17. Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, a figura de linguagem encontrada na passagem “nem uma só gota de vermelho brilhava no corpo da roseira”.

- Elipse, pois ocorreu a supressão do verbo no trecho.
- Hipérbole, pois há exagero na ausência da cor vermelha.
- Paradoxo, já que falta nexos entre a cor da gota e a da roseira.
- Pleonasma, em razão da redundância viciosa presente na passagem.
- Metonímia, pois há contiguidade entre a gota de vermelho e a rosa.

(FM Albert Einstein 2021)

Texto não reproduzido na folha.

18. Verifica-se expressão empregada em sentido figurado no seguinte trecho:

- “anunciou aos quatro ventos que não atenderia” (1o parágrafo)
- “ia decidir por si todos os casos e questões” (3o parágrafo)
- “o doutor teve notícia de que um moço o procurava” (5o parágrafo)
- “Vossa excelência há de perdoar-me o incômodo” (8o parágrafo)
- “O senhor deve fazer-se recomendar” (16o parágrafo)

## Anotações

## Gabarito

1.C 2.D 3.C 4.B 5.C 6.D

7:

A metáfora “verdade sanduíche” foi usada para definir uma estratégia de reversão dos efeitos de propagação de mentiras, desmentindo discursos falsos sem repeti-los. Assim, as duas fatias simbolizam a verdade, e o conteúdo, a mentira e respectiva desconstrução.

8.D 9.B 10.B 11.C 12.B 13.B 14.D  
15.A 16.C 17.E 18.A